

# Um novo período na situação mundial

Pedro Fuentes

**I - A crise econômica abre um novo período mundial**

**II - Uma crise mais grave que a de 29**

**III - Um novo capitalismo sem neoliberalismo?**

**IV - Os EUA no centro da crise**

**V - As contradições acumuladas na China**

**VI - Uma dominação mundial mais caótica**

**VII - Uma polarização mais aguda da luta de classes**

**VIII - As consignas para enfrentar a crise**

**IX – Um período para avançar em uma nova organização internacional**

-----

**I – A crise econômica abre um novo período mundial**

1. É sabido e reconhecido que a crise econômica iniciada no ano passado não é apenas mais uma crise. É um fato transcendente na história do capitalismo e da luta de classes mundial. Ela é de tal magnitude – tão ou mais grave que a de 1929 - que significa o início de um novo período, marcado por esta crise que recém começa e que levou à recessão praticamente todos os grandes países capitalistas. Esta situação não pode deixar de produzir mudanças profundas.

Nossos primeiros prognósticos são cautelosos, não podemos saber com precisão como vão desenvolver-se os acontecimentos, tanto do ponto de vista econômico, das mudanças na relação entre as classes dominantes e os países em escala mundial como – a questão principal para uma análise marxista – quais serão as respostas que dará o movimento de massas. A atual crise – como ocorreu nas anteriores - colocará na ordem do dia profundas alterações políticas, econômicas, sociais e até culturais. Ela afetará a sociedade como um todo.

2. Analizando a nova situação, nos apoiamos nas teses elaboradas no ano passado. Elas permanecem totalmente vigentes como documento teórico e estratégico, que nos armou politicamente para a ação de construir o partido no processo aberto no final dos anos 1990, o que significou uma ruptura com algumas caracterizações do *morenismo*.

As caracterizações expressadas nas nossas teses têm toda atualidade: a interpretação dos processos do século XX, das situações revolucionárias, do desenvolvimento do neoliberalismo e as conseqüências que isso teve na restauração capitalista nos países do ex-bloco soviético. Também têm atualidade no que diz respeito à consciência do movimento de

massas e no método para interpretar tais processos, assim como nossa estratégia política, que destacava a importância das tarefas democráticas e nacionais no presente período.

Duas questões são fundamentais: nossa política de frente única antiimperialista perante o surgimento de movimentos nacionalistas e a importância do reagrupamento para construir o partido e a internacional.

3. Esta crise confirma nossas teses porque nelas já abordávamos as profundas distorções e contradições provocadas no período de auge do neoliberalismo. Nas teses, já estava anunciado o agravamento das contradições e a crise na qual estamos entrando. Sem dúvidas, a profundidade da crise econômica faz com que tenhamos que definir que entramos em um período novo onde, ainda que todos os elementos da crise anterior mantenham-se presentes, ela se dá numa totalidade nova, na qual temos que marcar um antes e um depois. Por agora, o traço dominante do novo período é a própria crise econômica e não suas consequências no campo social e político, que cada vez mais se farão presentes e que mudarão a atual situação.

4. Os elementos principais deste novo período são:

- uma crise econômica que se prognostica como longa, e tem seu epicentro no imperialismo hegemônico dos EUA e nos grandes países imperialistas que compõem a tríade EUA - Japão - Europa;

- combina-se com uma crise climática e uma possível crise energética e alimentar, elementos sintomáticos de um esgotamento do sistema, o que torna a crise mais global;

- em meio a elementos de mudanças e crise de dominação mundial, pela decadência dos EUA, que tende a conduzir para um tipo de dominação mais multipolar, com a emergência da China, em primeiro lugar e de outros países, entre eles o Brasil, como também o desenvolvimento de novos países mais independentes, como a Venezuela, o Equador, a Bolívia e o Irã;

- uma nova situação também para o movimento de massas, depois do auge do neoliberalismo, onde as massas entram com mais força - apesar do atraso na consciência socialista - mais livres e sem o peso e a hegemonia dos aparatos e direções reformistas. Há novos movimentos, como o nacionalismo bolivariano (muito progressivo) e o nacionalismo islâmico (muito mais contraditório por sua ideologia reacionária);

- abre-se uma situação mundial com uma hegemonia mais caótica e uma maior polarização entre as classes e inclusive entre os países, um período de maior agudização desta polarização, que tem muitas incertezas e no qual nós, revolucionários, temos uma grande oportunidade de disputa de massas.

5. Não estamos, portanto, diante de uma nova etapa que ocorre pela alteração da correlação de forças entre as classes, produzida por um triunfo revolucionário. Nas teses, escrevemos que, ademais das etapas, deveríamos levar em conta as mudanças na estrutura de acumulação capitalista e as contradições estruturais daí derivadas. Esta crise econômica significa contradições nesta acumulação, criando uma situação de instabilidade que provocará grandes mudanças - criará novas situações revolucionárias e revoluções – como as

que ocorreram em outros períodos de fortes crises do capitalismo, quando as guerras mundiais de 14 e 39 abriram posteriores situações revolucionárias mundiais. Porém não podemos dizer que inevitavelmente se chegará a uma situação revolucionária mundial. Haverá mais confrontos, mas não sabemos os resultados. Por isso rejeitamos o esquerdismo infantil que iguala crise à situação revolucionária mundial, como também a fórmula objetivista de que o socialismo é inevitável.

6. O que afirmamos é que a crise exacerba todas as contradições e agudiza a polarização mundial que já vivemos. Acelerará e provocará processos novos, mudanças bruscas. Crise significa comoção. Por isso, trata-se de um novo período no qual se provocarão alterações por “cima”, nas superestruturas, novas contradições entre os países, crise política nos governos e regimes e, ao mesmo tempo, situações dramáticas para os trabalhadores e o povo pobre, crise alimentícia, desemprego generalizado...

Simultaneamente, causará comoção nos de “baixo”, com lutas tradicionais como as greves que estamos assistindo (França) e novos movimentos espontâneos e insurrecionais (rebeliões juvenis como a grega). Neste novo período perde-se a estabilidade, as reformas se fazem muito mais difíceis, a burguesia tem que descarregar a crise contra os trabalhadores e os povos pobres. É por isso que assistiremos a novas explosões, greves gerais, mas, ao mesmo tempo, a um maior confronto e polarização. Em alguns casos, de ação direta, decidida e desesperada das classes dominantes como a que estamos vendo agora por parte de Israel na Palestina.

7. Para os revolucionários abre-se a disputa pela consciência das massas em um nível muito mais agudo, acelerado e comprometido do que na etapa anterior, e também com melhores condições. A queda do socialismo real provocou um retrocesso na consciência das massas, que deixaram de acreditar em outro sistema como saída. O neoliberalismo também debilitou a classe operária. O que tem de enormemente progressivo nesta crise para os revolucionários é que já estamos vivendo uma crise completa de credibilidade no atual sistema, e isto ocorre por razões materiais concretas. A reação das massas é em primeiro lugar assombro e desespero, de lutas de resistência, e também de um choque em suas consciências. O capitalismo, que havia se mostrado como o sistema possível, mostra-se agora como ele realmente é.

A busca de algo novo será outra reação das massas, e isto ocorre em um período em que, apesar de certa debilidade da classe, o peso dos velhos aparatos é muito menor e o estalinismo como aparelho mundial não existe. Com o surgimento de novos processos como o nacionalismo bolivariano e também um avanço de novas organizações socialistas, como o PSOL e o NPA, nós, socialistas, temos que disputar essa consciência a partir das medidas de urgência, de planos de ação que permitam empalmar com novas correntes progressivas que vão a surgir, abertos também a novas formas organizativas.

## **II Uma crise mais grave que a de 29**

1. É bom fazer a comparação com a outra grande crise que viveu o capitalismo em sua fase imperialista, ver os elementos comuns de continuidade com aquela e os novos. O que fez a burguesia nesse momento e as possibilidades tem agora. Quais foram as reações do movimento de massas e quais podem ser agora.

2. Como a de 29, a atual é uma clássica crise econômica de superprodução; acumulam-se capitais e mercadorias que não se pode consumir porque o capitalismo tem seu limite em seu modo de produção funcional da reprodução do capital - a ganância capitalista e a contradição com suas próprias relações de produção e as fronteiras nacionais.

3. A crise de 29 iniciou com a quebra de Wall Street em outubro de 29 e a recessão ou contração econômica foi impressionante até 33. A produção industrial nos EUA caiu a 54%, o desemprego foi a 30% neste país e abarcou com algumas desigualdades a todos os países capitalistas avançados. Houve uma baixa geral de preços e um deslocamento do comércio mundial. Houve uma recuperação depois de 34, mas em 38 aconteceu uma nova depressão que já se encadeou com a Segunda Guerra Mundial.

4. O governo americano de Roosevelt aplicou a chamada política keynesiana do New Deal - novo tratado - com o qual fez uma forte intervenção estatal sobre os bancos para desvalorizar e estabilizar a moeda. Junto com a criação de créditos, criou um plano de empregos públicos para obras que contratou 4 milhões de desempregados e um fundo de ajuda para outros 20 milhões. Roosevelt cavalgou sobre uma importante ascensão dos trabalhadores e fez algo que agora parece irreal de suceder em um país imperialista: naquele momento, apoiou-se em sindicatos para enfrentar contradições importantes com a grande patronal; chegou a aplicar as 35 horas de trabalho, o salário mínimo e a liberdade sindical. Estas contradições com a burguesia provocaram, inclusive, em 36, conflitos com a burguesia e o Tribunal Supremo chegou a anular o New Deal. Houve uma forte reação operária e as novas eleições que deram a reeleição a Roosevelt terminaram por impô-las. Neste processo surgiu o famoso dirigente operário John Lewis e sua organização, o CIO. Como reação à crise em 38, surgiu o chamado keynesianismo militar dos EUA, fortes investimentos em armamentos vendidos aos aliados europeus e logo utilizados quando os EUA fizeram sua intervenção na guerra.

5. Alemanha, Itália e em certa medida também o Japão, viveram um processo inverso. Enfrentaram a crise levando o movimento de massas a uma derrota graças ao giro reacionário à direita da classe média, que permitiu implantar os regimes fascistas ou totalitários que utilizaram métodos de guerra civil contra os trabalhadores. Com a cartelização industrial a serviço da produção militar, com o objetivo de realizar o expansionismo imperialista (Japão na China, Alemanha sobre a Europa e Itália na África), puderam reabsorver a mão de obra desempregada e extrair uma enorme taxa de mais-valia graças a esses regimes totalitários.

6. Toda a década de 1930 foi marcada pela gravidade da crise e pela instabilidade política: a guerra civil na Espanha, o surgimento da Frente Popular na França depois de uma greve geral com ocupações de fábrica no 36. O proletariado sofreu derrotas, primeiramente devido à política ultra-esquerdista do estalinismo que fez com que um setor de massas desesperado girasse à direita. A mais importante derrota foi o triunfo do nazismo na Alemanha. A crise geral e as grandes contradições inter-imperialistas levaram à Segunda Guerra Mundial. Como disse o texto de Roberto *Um giro histórico na situação mundial*, essa guerra foi a maior utilização do instrumento keynesiano, que significou uma destruição de capitais que depois permitiria uma nova expansão capitalista do pós-guerra.

7. Se compararmos a crise de 1930 com a crise atual, parecem existir elementos mais profundos, pela magnitude da paralisia econômica que se está desenhando e porque os

mecanismos de saída aparecem como mais complexos. Temos que ter em conta que será diferente também porque o movimento de massas mudou; num sentido objetivo os trabalhadores estão mais debilitados depois do neoliberalismo e da queda do socialismo, mas ao mesmo tempo, mais livres para avançar.

Alguns aspectos desta crise:

a) Como dissemos nas teses, a globalização é uma nova fase da etapa imperialista, na qual se tem se exacerbados todos os aspectos mais negativos. O mais importante é a financeirização da economia. Uma grande sobre acumulação de capitais sob a forma de capital fictício, (dinheiro que se reproduz na especulação financeira sem passar pela produção, sob a forma de derivados, múltiplos bônus da dívida pública, fundos de inversão, ações etc.). A crise estourou quando explodiu a bolha imobiliária dos EUA, feita em base a uma subida super artificial dos preços imobiliários, que caíram abruptamente. A partir de então se estendeu aos bancos, levando à falências e à crise do setor financeiro. A crise mostrou que esta enorme massa de capital fictício acumulado não pode permanentemente reproduzir-se a si mesma. Definitivamente, a especulação funciona como um mecanismo de lucro (a mais-valia) sobre o futuro; em algum momento esse capital tem que encontrar uma forma de reproduzir-se na produção, o que na crise é difícil se não ocorre uma destruição de capitais que permita produzir uma nova concentração do mesmo - onde ganham os mais fortes - e uma inversão em que os capitalistas recuperem a taxa de mais-valia (ver texto de Roberto). Mas agora uma guerra como a Segunda (1939-1945) não pode ser realizada, já que os capitalistas sabem que com as atuais armas atômicas põem em risco a existência da humanidade. Ademais, a mundialização do capitalismo significou uma internacionalização e um entrelaçamento das grandes corporações multinacionais numa totalidade mundial. Se por um lado aumentará a concorrência entre elas, torna mais difícil um confronto entre as potências. Existem sim novos tipos de guerra de conquistas e intervenções militares de todo tipo no mundo. Porém as mais importantes (Iraque e Afeganistão), ainda que tenham servido para a produção do complexo militar industrial, transformaram-se em problemas políticos mais contundentes do que fontes de reprodução de capital.

b) A existência de uma crise ecológico-climática e de recursos energéticos, produto da exploração irracional e destrutiva da natureza. Esta situação, por um lado, cria novas fontes de reivindicações da sociedade, que engrossam a resistência do movimento de massas; e por outro, também é um problema novo para a reprodução do capital, já que vai obrigar os governos a estabelecer certas normas que vão contra a lógica, ou melhor dito, a irracionalidade intrínseca do capitalismo para obter lucros. Concretamente, por exemplo, Obama tem o desafio de fazer os EUA produzir com menos poluição, não pode explorar o petróleo de Alaska. Isto ocorre quando não existem, todavia, novas tecnologias que permitam uma renovação e uma superação da crise energética e uma redução substancial da contaminação. Ou seja, diferente do período anterior, não parece que exista uma nova revolução tecnológica que permita relançar as forças produtivas.

c) A crise atual ocorre quando o capitalismo aumentou suas contradições estruturais entre exploradores e explorados, entre países ricos e pobres, a um nível superior a outros períodos. E, ao mesmo tempo, crescerão as deformações, as assimetrias e os desequilíbrios dentro do sistema econômico mundial. O capitalismo tem avançado numa mundialização que é uma totalidade expressada no domínio econômico das grandes multinacionais e bancos cada vez

mais inter-relacionados. Mas isto se dá com fortes distorções, sem instituições mundiais de controle fortes, o que expressa a contradição de que não se tem conseguido superar as fronteiras nacionais. Um ponto alto desta deformação é a relação entre China e EUA, que têm sido dois motores inter-relacionados da economia neste período.

O crescimento mundial, nos últimos anos, foi o acordo implícito entre o imperialismo ianque e o capitalismo de estado Chinês; entre o capital financeiro com sede nos EUA e os capitais industriais que se trasladaram e fizeram sua sede na China. O capitalismo mundial, e em particular dos EUA, fizeram na China a maior inversão de capital produtivo motivados pela alta taxa de mais-valia que transformou este país na fábrica do mundo e o exportador com maior superávit no comércio mundial graças às exportações aos EUA. Esse superávit e a alta taxa de mais-valia lhe permitiu ter uma forte poupança. Porém, à sua vez, isso significou que os EUA ao importar de China aumentaram seu grande déficit comercial que se somou ao seu já alto déficit do orçamento. Os EUA são o país mais endividado por este déficit e pelos amplísimos créditos outorgados para favorecer a demanda e o consumo. Grande parte dos bônus da dívida pública tem sido comprada pela China, que financia a economia ianque para, desta maneira seguir exportando. Um dos motores já parou (EUA) e isso ameaça parar o outro (China), sob a forma de uma crise de sobre-produção, perspectiva muito provável já que seu crescimento tem diminuído, passando das cifras de 10 a 12% dos últimos anos para 5% ou 6%. Ademais, desde janeiro, pela necessidade de fazer seu plano de reativação interno, a China tem reduzido a quantidade de bônus comprados dos EUA.

Tem existido uma associação contraditória entre o imperialismo dos EUA e um aparato do capitalismo de estado dirigido por uma burocracia bonapartista que já atua como uma classe burguesa, mas é um aparato próprio. Não sabemos o que ocorrerá no futuro, na medida em que ambos os lados têm que tomar medidas protecionistas.

d) Os EUA é o centro da crise onde se desenvolveram todos os elementos mais retrógrados, desde a financeirização parasitária, as formas de lumpenização e corrupção da burguesia dominante (fraude nos balances como Enron), o neo-militarismo, até as formas de governo que se expressaram em um setor ultra-reacionário que dirigiu o país com Bush. (Se bem que seria arriscado afirmar que houve uma mudança no regime político, mas houve ao menos em muitos elementos dele). Com o militarismo de alta tecnologia aplicado nas guerras do Iraque e do Afeganistão, o imperialismo americano pretendeu manter sua hegemonia mundial, mas se deu mal.

Nos EUA combinam-se então a crise econômica - que inclui o endividamento público e privado maior do mundo em termos quantitativos - com a crise de seu militarismo no Iraque e no Afeganistão, e uma crise produtiva em certa medida estrutural. Foi o país com maior tecnologia de ponta, mas, apenas conservando isso em muitos ramos, tem hoje um atraso de dez a vinte anos em infra-estrutura e renovação tecnológica na produção industrial, em particular automotriz. Tem que somar o déficit energético e a crise ambiental, já que é o principal poluente do mundo junto com a China.

6. Todos estes são os elementos que indicam que estamos ante uma crise larga e complicada, pelas dificuldades com que as classes dominantes se enfrentam para poder conseguir recuperar a acumulação do capital. Temos que somar os elementos de crise na dominação mundial como conseqüência da decadência e crise da hegemonia dos EUA. Em relação ao movimento de massas é também uma situação diferente, que logo aprofundaremos, com uma

classe operária debilitada (por exemplo, sem a CIO de 1930), mas ao mesmo tempo com um menor controle dos aparelhos.

### **III – Um novo capitalismo sem neoliberalismo?**

1. Os governos estão usando como não se via há muitas décadas medidas antidepressivas do arsenal keynesiano, desde redução das taxas de juro a zero, até política de grandes ajudas a bancos e empresas e, em menor escala, para o consumo da população. Os valores superam os sete trilhões de dólares, a metade do PIB americano, que faz com que sejam os maiores recursos gastos numa crise. (Ver texto de Roberto Robaina).

2. Há no mundo uma grande corrente de opinião burguesa e pequeno-burguesa, expressada por Lula e um de seus ideólogos – Magabeira Unger ex-professor de Obama -, que restringem a crise ao que chamam de “roleta financeira”, levada adiante por especuladores dos países do primeiro mundo. Falam que se trata de uma crise do neoliberalismo e não do capitalismo e postulam como saída o fim da especulação, mediante a regulação dos mercados financeiros para reorganizar também a relação entre o sistema financeiro e a produção com um certo controle do Estado. Propõem um novo acordo monetário mundial – e também comercial - entre os países, superando as medidas protecionistas das potências imperialistas. Desta maneira, seria possível sair da crise e alcançar harmonia entre as finanças e a produção e também entre os países. Agregam a isso a ilusão de melhoras na distribuição de renda.

3. Acontece que o neoliberalismo, ou o que chamamos de globalização, não é uma forma "má" do capitalismo em comparação com outra "boa". É a forma através da qual se desenvolveu a decadência imperialista, num processo intrínseco ao próprio capitalismo. Falamos nas teses teórico políticas do MES, que na década de 80 o reaganismo e o tatcherismo, com a desregulação, liberalização e privatização, iniciaram um período de globalização no qual a concentração capitalista deu um salto, com o domínio econômico mundial das multinacionais e a financeirização que alcançou uma dimensão nunca antes vista. Em todo o mundo (exceto em Cuba) viu-se uma restauração completa do capitalismo. Esta se deu apoiada em uma revolução tecnológica de magnitude tal que mudou as comunicações e os sistemas de controle e que permitiu aumentar o rendimento do trabalho. Significou a recriação de um exército de trabalhadores de reserva mundial, o que baixou os salários, debilitou a classe e permitiu uma expansão como nunca antes o capitalismo havia conseguido. (O capitalismo também viveu os grandes avanços da biotecnologia para melhorar os cultivos). Este período significou o maior domínio do capital sobre o mundo, uma inegável expansão do capitalismo como totalidade, com mais contradições e com uma grande pujança da produção na China.

Escrevemos nas teses que neste novo período o capitalismo não resolvia suas contradições intrínsecas, pelo contrário, as agravava criando outras que provocavam no futuro crises mais graves. Escrevemos também que já se tinha iniciado uma crise similar à de 29. No Manifesto Comunista Marx escreveu: "E como a burguesia sai da crise? Por um lado, pela destruição violenta de grande quantidade de forças produtivas; por outro lado, pela conquista de novos mercados e pela exploração mais intensa dos antigos. A que leva isso? Ao preparo de crises

mais extensas e mais destruidoras e à diminuição dos meios de evitá-las". Esta é a situação que hoje estamos vivendo.

4. Em geral todas as correntes marxistas tiveram muitas dificuldades para compreender a magnitude das mudanças acontecidas e, sobretudo, o processo aberto na China. Mas algumas foram extremamente unilaterais; minimizaram e ainda minimizam as grandes mudanças ocorridas com a mundialização ou globalização. Afirmaram e afirmam que todo este período foi uma prolongação de uma crise crônica do capitalismo aberta com o fim do *boom* econômico do pós-guerra a partir das crises de 69 ou 74. Estas caracterizações são as que impediram ou demoraram, no melhor dos casos, a ver o novo período que abriu a globalização e o papel jogado pela China.

No início dos anos 70, teve fim o *boom* mundial do pós-guerra, que durou 24 anos. Em 74, houve uma recessão brutal em todo o mundo como consequência da alta dos preços do petróleo, sendo o Japão o país mais duramente afetado. A partir de então ocorreram várias crises cíclicas na economia mundial (82, 87, 97 nos tigres asiáticos...). Por isso mesmo, economistas e marxistas sérios (entre eles Moreno e Mészáros) falam que desde então há uma crise crônica, segundo Moreno, ou estrutural do capital, de acordo com Mészáros. (No caso de nossa velha corrente internacional esta caracterização foi utilizada para cometer o exagero – junto ao lambertismo - de definir a situação mundial como revolucionária).

É verdade que com a globalização o crescimento global do capitalismo nos anos 90 nunca superou os índices de crescimento do *boom* do pós-guerra, mas é verdade também que o capitalismo se sobrepuôs ou enfrentou a tendência à crise com redução das taxas de lucro, com mecanismos que depois permitiram retomá-la. Como vimos, isto ocorreu com o desenvolvimento de mecanismos mais "anormais", que criam mais contradições e que agora estão no centro da crise, mas que definitivamente significam que o capitalismo alcançou sua máxima expansão mundial. Por isso mesmo, nos parece que é muito correto, em vez de falar de crise estrutural ou crônica, que falemos que se trata de uma crise mais global do período do capitalismo senil, de sua maior decadência e esgotamento como sistema. Esta diferença não é apenas semântica, já que significa que abre a possibilidade de que o capitalismo possa sair novamente da crise, ainda que, se isto ocorrer, será criando contradições ainda mais graves. Mas eles podem sair da recessão ao custo de mais exploração, mais destruição de capitais, o que levará a mais crise e a mais decadência e a mais formas de barbárie.

5. Nossa corrente internacional morenista sustentava nos finais dos 70 também a posição de que não havia possibilidades de desenvolvimento das forças produtivas, coincidindo com as posições do lambertismo, que viveram repetindo a frase de Trotsky no Programa de Transição escrito no 38 antes da guerra, "que as forças produtivas cessaram que crescer". Dessa maneira, negava se a possibilidade de recuperação econômica e de um novo crescimento da produção capitalista como o que ocorreu nos 90. É necessário esclarecer que, para nós, desenvolvimento das forças produtivas não é sinônimo de progresso social, é "progresso" para os capitalistas graças à exploração dos trabalhadores e ao aumento da produtividade do trabalho. Como escreveu Marx no Capital "a produção capitalista só sabe desenvolver técnica e o processo de produção social escavando ao mesmo tempo as duas fontes de toda riqueza: a natureza e o trabalhador". O mesmo Moreno que sustentava que as forças produtivas não tinham crescido, abriu corretamente em 76 a hipótese que a revolução tecnológica que logo começava poderia significar uma mudança para uma nova etapa no

desenvolvimento capitalista (ver no texto de Roberto Robaina a citação de Moreno sobre a revolução tecnológica e sobre o desenvolvimento das forças produtivas). O que a crise atual mostra não é que não tenha havido desenvolvimento das forças produtivas, mas sim, pelo contrário e como dizia Marx, esse desenvolvimento se choca com as relações de produção existentes provocando a crise.

6. Por isso estamos convencidos de que não há uma reforma progressiva possível que venha de cima. As classes dominantes não podem dar marcha atrás para outro capitalismo pelos próprios mecanismos de concentração e mundialização que criaram. Não podem, nem antes nem agora, atacar a grande propriedade privada que está no centro desta crise, nem podem mudar as relações de produção. O que pode haver são medidas keynesianas de forte investimento estatal para salvar os bancos e reativar a economia e um novo protecionismo que aumentará a competência e as contradições entre os diferentes países. Um keynesianismo mais diletante que o de Roosevelt, com menos investimentos em obras públicas e proteção aos desempregados e mais focada em salvar as instituições financeiras e grandes empresas multinacionais. Além disso os estados estão hoje ainda mais endividados para fazer os investimentos. Só uma forte mobilização de massas pode mudar esta situação, ou governos que se apoiem no povo, com é o caso dos governos nacionalistas latino-americanos que podem seguir tomando medidas progressistas, como é o caso da ALBA, um protecionismo latino-americano progressivo frente à crise.

#### **IV – Os EUA no centro da crise**

1. Os Estados Unidos é um país em que se juntaram todos os problemas e as contradições do capitalismo, que foram agravados com o governo Bush, a ponto de os 10% mais ricos deterem 33% da renda nacional nos anos 80, e 50% atualmente. EUA no norte e Brasil no sul são os países de mais desigualdades do planeta. A situação das massas dos EUA está se tornando dramática com a crise. A perda de milhares de casas, com a crise imobiliária, a situação complicadíssima da saúde da população de terceira idade por falta de assistência médica, a perda das aposentadorias como consequência da quebra dos fundos de pensão, somam-se agora a mais de um milhão e meio de desempregados nos últimos três meses. A esta situação é preciso agregar os problemas estruturais e os causados pela crise econômica, que já assinalamos no capítulo III, ponto 7d.

2. Existe uma análise esquemática e dogmática que diz que todos os governos imperialistas são o mesmo; isto nega a realidade e os interesses de diferentes setores frente à crise, assim como das bases sociais que representam. O movimento que se gerou ao redor de Obama e seu triunfo representa uma mudança nos EUA. Esta eleição, como dizia Olmedo, tem dois lados. Em primeiro lugar Obama é um presidente de um país imperialista que responde aos interesses de suas classes dominantes. Foi um candidato por fora dos “presenciáveis do *establishment*”, mas está absorvido pelo regime, como mostra a composição de seu gabinete, que indica que se adequou, já que sua equipe está associada também à de Clinton e à direita democrata, inclusive com a permanência do ministro da defesa, numa tentativa de negociação com os republicanos para sair do Iraque. É, sem dúvida, um governo imperialista.

Mas do ponto de vista social, Obama é a representação, no terreno eleitoral, de um movimento ou sentimento progressivo de reação contra toda esta situação descrita. Seu triunfo é também um triunfo democrático contra os anos de discriminação racial e contra um regime autoritário de direita. E essa vitória não pode ser explicada sem as mobilizações dos imigrantes, sem o movimento de repúdio à guerra e o sentimento de reação pela defesa dos direitos civis. (Considerando-se as grandes diferenças, há um paralelo com o que foram os processos latino-americanos de Chávez, Evo etc., já que Obama não era o candidato do regime). Obama triunfou porque em torno de sua eleição formou-se um movimento em grande medida espontâneo que abarcou dez milhões de pessoas. Isso mostra que nos EUA houve uma dinâmica progressiva no movimento de massas, de reação ao governo neoliberal de ultra-direita de Bush.

3. O que vai acontecer agora com os Estados Unidos é uma interrogação. É um erro acreditar que tudo vai seguir igual, já que assim se cairia no erro de não considerar a crise e não crer, tampouco, na ação do movimento social e nas mudanças que aconteceram nas massas. Obama tem que tomar medidas novas ante a crise. O pacote do governo de 800 milhões de dólares criou importantes contradições. Os republicanos se opuseram e Obama teve que fazer comícios com o eleitorado para pressionar pela aprovação que se conseguiu graças a três votos republicanos. Agora se encontra ante a mesma situação para aprovar o orçamento de 2010, no qual intenta uma volta aos impostos a petroleiras e grandes corporações. Obama já promulgou uma lei que permite a liberdade sindical, o que é uma concessão aos trabalhadores.

A crise é de tal magnitude que já há um setor da esquerda dos democratas e de economistas independentes, como Roubini, que estão propondo a nacionalização do sistema bancário. Não apostamos que Obama vai fazer um novo "New Deal", como Roosevelt. Mas acreditamos que seu governo vai sofrer uma forte pressão do movimento de massas, que terá que responder de alguma forma ao problema dos desempregados dos setores mais empobrecidos dos quais fazem parte, em primeiro lugar, os negros e os imigrantes. Terá também que responder à situação mundial. Neste sentido é que começarão as negociações com o Irã, junto com a retirada das tropas do Iraque, e a concentração no Afeganistão, seguindo uma política externa, mas multilateral, já que neste país a ação tem o apoio da Europa e da Rússia. Terá também uma política mais protecionista na defesa da produção nacional para recuperar a economia do país. Mas será muito mais difícil que os EUA resolvam de forma mais ou menos rápida seu problema econômico e saiam da recessão, por todas as contradições que estamos mencionando e que se concentram naquele país.

De qualquer forma, nada será igual, e temos que apostar na reação que pode haver com este movimento objetivo que se formou. O movimento não está organizado, mas já demonstrou a vitalidade e a busca por algo novo e distinto, ao levantar consignas contra a direita, pelo fim da guerra e pela defesa dos pobres.

4.- A política dos socialistas e anticapitalistas não deveria ser de um mero denunciamento de Obama por seu caráter de governo imperialista, esperando que as massas os entendam. Vem ao caso a política que Trotsky aconselhava a Cânon, dirigente do SWP dos EUA na época do Roosevelt, presidente no qual os trabalhadores confiavam. "(...) exigimos que Mr. Roosevelt, com seu grupo de peritos, apresente um programa tal de obras públicas que todo aquele que possa trabalhar possa fazê-lo com salários decentes" (Conversações sobre o

Programa de Transição). Assim, embora os processos não sejam iguais, seria uma possibilidade atual exigir de Obama que seu novo orçamento incluía novas medidas que vão a favor dos interesses dos trabalhadores e dos pobres. Desta maneira se acompanharia o inevitável processo de expectativas que os trabalhadores têm no novo governo.

## **V - As contradições acumuladas na China**

1. Outra questão chave é que acontecerá na China. Este país, convertido em "fábrica do mundo", foi o motor do crescimento econômico nas últimas décadas em vários setores da economia mundial. Principal comprador mundial de carne, cereais, aço e petróleo, permitiu que países de terceiro mundo alcançassem saldos favoráveis em suas balanças, com o aumento dos preços de matérias primas exportadas graças à demanda chinesa. Como já afirmamos, os EUA foi até agora o principal comprador de suas exportações. Mas ainda que tente diversificar a produção e aumentar seu mercado interno, a recessão dos EUA e da Europa vai afetar a economia da China, que já passou reduziu seu crescimento de 10/12% a 5/6% (em uma economia que crescia a tal velocidade, essa baixa significa quase recessão).

A economia chinesa moveu-se até agora graças a uma grande inversão de capitais, que foi de tal magnitude que o mais provável é que neste contexto provoque uma crise de produção, com tudo o que isso significaria para os setores da economia mundial e também para o mercado interno.

2. O desenvolvimento chinês não se deu com base em uma semi-colonização. A entrada de capitais internacionais aconteceu com o férreo controle do aparato estatal da burocracia, que teve a habilidade de associar-se a esses capitais, mantendo o controle de um setor estatal que foi se readequando, associando e incorporando a alta tecnologia ao trabalho da mão-de-obra barata. Um setor do povo chinês teve um aumento de nível de vida. Segundo Aglietta, 400 mil trabalhadores elevaram seus salários e criou-se um consumo em um setor da classe média que varia entre 150 e 300 milhões de habitantes. Mas isso tudo aconteceu sem que se resolvessem os déficits e contradições estruturais profundos que a recessão mundial agudizou e que causarão sofrimento à grande massa de população trabalhadora e ao campesinato: o déficit na saúde pública e na seguridade social, como o problema das grandes migrações internas do campo para a cidade, que agora têm um sentido inverso, porque os trabalhadores estão perdendo seus empregos. A redução significativa do crescimento está gerando enormes massas de desempregados e muitos protestos (20 milhões, segundo os dados mais recentes), que acontecem tanto no campo como nas cidades altamente industrializadas, em particular também contra a corrupção e ineficácia da burocracia.

3. China e Ásia Oriental são os lugares que contaram com a maior expansão do proletariado industrial e a crise os põem em movimento. A abertura econômica da China e sua modernização, embora absolutamente controlada pelo aparelho burocrático, permitiram que surgissem novas formas de expressão e protestos. Uma delas é a internet; apesar do controle do Estado, a China é hoje o país onde há mais blogs independentes, que em grande parte são de protestos.

## **VI - Uma dominação mundial mais caótica**

1. O capitalismo em geral, e mais especificamente em sua fase imperialista, sempre sustentou sua dominação sobre a base de um país dominante. Holanda, Espanha e Inglaterra desde 1800 até a Segunda Guerra Mundial, e a partir de então os Estados Unidos. Estas mudanças se produziram com crises e guerras. A hegemonia dos EUA teve dois períodos: a de coexistência pacífica (bipolar) e a tentativa de um mundo unipolar de Reagan a Bush, que agora está em questão, em uma crise. A diferença com relação a outras etapas históricas é que agora o que se vê é um capitalismo decadente sem que apareça uma nova potência dinâmica que possa ocupar este lugar. Além disso, apesar de sua decadência, os EUA são e serão a primeira potência militar em tecnologia em setores importantes.
2. É uma situação diferente da que surgiu da crise de 30 e da Segunda Guerra. Na época se fortaleceu o imperialismo dos EUA, mas este teve que compartilhá-lo com a União Soviética, em meio à emergência dos novos estados operários como consequência das revoluções do pós-guerra. Também ocorreu a independência de países como a Índia e o Egito e o surgimento de países relativamente autárquicos e independentes, como foi o Brasil de Vargas e a Argentina de Perón.
3. A multipolaridade que aparece cada vez como o cenário internacional mais provável, indica uma situação com elementos mais caóticos, com mais competência econômica e de disputa entre países. O elemento caótico é o maior descontrole ao não ter um pólo, o que agrava as contradições e disputas, que inclusive os EUA agravaram com seu unilateralismo neste último período, em sua vontade de manter a hegemonia. A União Européia tem sido, nas três últimas décadas, a tentativa mais séria de integração e superação de fronteiras nacionais, mas não pôde se consolidar apesar de ter feito progressos com a moeda única. A atual crise mostrou que o eixo França-Alemanha não funcionou e começam a pesar as políticas protecionistas em cada país, que faz que quase todos estejam já descumprindo os tratados econômicos de ajuste fiscal assinados.
4. Esta situação nova explica que a Rússia tenha recuperado terreno em sua disputa pelos países do Leste com os EUA e a OTAN, ao invadir a Geórgia. A multipolaridade significa novas disputas regionais agudizadas, como a da Índia e do Paquistão pela Cachemira, e a agravamento de conflitos nacionais dos quais o mais importante é o do Oriente Médio, em meio a um fortalecimento do mundo islâmico comandando especialmente pelo Iran. A multipolaridade tem elementos progressivos nas disputas entre países, quando se trata de países independentes. Também poderia ser – pelo papel relativo de apoio aos países independentes – por exemplo a re-emergência da Rússia, que tem enfrentado o plano de mísseis dos Estados Unidos em sua fronteira, que agora flerta com a Venezuela e o Irã e apoiou as minorias contra a Geórgia. É dizer que há - e os veremos - realinhamentos de setores e de países que jogam um papel progressivo frente à dominação mundial imperialista.
5. O que fica claro neste período é que a contradição no mundo não é só dos trabalhadores contra a burguesia. A luta de classes se expressa também através do enfrentamento entre países e povos, como a luta das massas palestinas contra o Estado de Israel, a luta pela retirada das tropas do Iraque e do Afeganistão e, na América Latina, a luta pela segunda e definitiva independência.

## **VII – Uma polarização mundial mais aguda da luta de classes**

1. Abriu-se um novo período para os trabalhadores e para as massas de resistência, de enfrentamento da crise econômica. Um período em que apareceram múltiplas formas de luta, em que os trabalhadores entram em certa medida, debilitados pela ação do neoliberalismo, mas ao mesmo tempo sem amarras, com um menor controle de aparatos. Esta participação das massas em ações diretas e políticas vai crescer em todo o mundo. A participação de 10 milhões organizados em grande parte pela Internet, na eleição de Obama, é um exemplo. Haverá muitos outros nos próximos anos, que nós, revolucionários, temos que detectar e inclusive criar em algumas circunstâncias.

A crise econômica é uma pré-condição de uma situação revolucionária, mas não significa uma etapa ou situação revolucionária. Abre possibilidades de irrupção das massas, como já está ocorrendo, sobretudo com a entrada da classe operária dos países europeus, da China e do oriente asiático, onde está o setor mais dinâmico da produção. O resultado é que há um aumento da polarização mundial e também nos países.

2. Os trabalhadores e a juventude europeia são os que deram as primeiras demonstrações de reação frente à crise. Na França, além da greve geral convocada pelas centrais sindicais, há agora a ocupação das universidades contra o plano de privatização de Sarkozy, que gerou um vasto movimento. Na colônia caribenha de Guadalupe há uma greve geral insurrecional. A Grécia viveu um mês de rebelião juvenil acompanhada por setores de massas que mudaram totalmente a situação do país. A resistência sob a forma de greves se estende por vários países europeus.

A Europa é um dos centros da crise. É também o lugar de maior consciência e tradição socialista dos trabalhadores pelo papel que estes vêm tendo na luta de classes. É por isso mesmo que a hipótese mais provável seja que vivamos no velho continente situações revolucionárias, o que abriria uma mudança qualitativa na luta de classes mundial.

O papel burguês da social democracia e dos partidos comunistas abre um espaço para uma ação mais livre a cada vez mais participativa das massas. Seguramente vão aparecer movimentos de todos os tipos frente à crise. Ao mesmo tempo, essa mesma situação pode facilitar que um setor desesperado se polarize à direita. O crescimento das direitas anti-imigrantes e xenófobas em vários países da Europa é uma demonstração disso. Esta agudização e giro à direita de alguns setores é inevitável porque a velha esquerda não responde aos interesses e necessidades das massas e porque as novas alternativas socialistas e anticapitalistas que se estão construindo ainda estão dando seus primeiros passos.

3. A América Latina e o Oriente continuam sendo os dois pólos de luta antiimperialista mais fortes, aos quais agora se soma a luta mais diretamente anticapitalista da Europa. A América Latina segue sendo um cenário privilegiado pela expansão dos processos nacionalistas na Bolívia, Venezuela, Equador e agora no Paraguai. Possivelmente um novo país a somar seja o Peru se triunfar Ollanta Humala.

Na América Latina confrontam-se dois projetos de resposta à crise. O do Brasil, que atua como sub-potência e sub-imperialismo, ocupando o lugar deixado pelos EUA, e o projeto democrático e integrador bolivariano da ALBA. Temos que nos localizar, decididamente, com este último. Ainda que tenha suas limitações, expressa o novo processo nacionalista continental.

A polarização se expressa também na consolidação da direita, em particular na Bolívia, onde estará colocado, cedo ou tarde, um novo confronto como o que aconteceu no ano passado nos departamentos da região chamada "meia lua". Este processo também está acontecendo na Venezuela com o triunfo da direita vinculada aos paramilitares no estado de Táchira.

4- Esta crise ocorre também quando se estão expressando novos processos de surgimento de partidos e organizações à esquerda dos velhos partidos e direções, dos quais é preciso destacar dois. Um mais específico da América Latina que é o "nacionalismo bolivariano". O mais enraizado no movimento de massas é o do MAS de Evo Morales, por suas raízes profundas no processo deste mais, também o PSUV na Venezuela e o PNP do Peru. Trabalhar dentro destes processos em uma frente única com os mesmos e em suas alas de esquerda é fundamental para os revolucionários latino-americanos.

Há também outro processo que é mais universal e que é a formação de partidos e organizações à esquerda dos velhos partidos socialistas e comunistas, que começam a ter um peso real, objetivo, ainda que sejam pequenos no movimento de massas. Trata-se de organizações e direções amplas em que os revolucionários têm um papel importante. Referimo-nos ao PSOL no Brasil, NPA na França, Synspismos na Grécia, LLP no Paquistão, entre outros.

5. A evolução destes partidos é fundamental para o próximo período, porque nos lugares em que mais conhecemos (Brasil e França) podem ser um ponto de centralização da união entre o processo de luta social com o político, de aglutinador de um setor de massas cada vez maior; esse é o grande desafio que temos a seguir.

### **VIII. As consignas transitórias para enfrentar a crise**

1. A crise fortalece as consignas de classe contra a burguesia e as medidas de urgência de tipo anticapitalistas e transicionais para que sejam os ricos que paguem a crise. Defesa do salário, seguro para os demitidos, planos de obras públicas. A nacionalização do sistema financeiro passa a ser fundamental, ao mesmo tempo em que não só se perdem, senão que têm mais força as medidas democráticas e antiimperialistas.

Dentro do terreno democrático tem uma grande importância o problema da corrupção, que tem sido praticamente sistêmico nesta fase de decadência e lumpenização e que atinge a todos os países – salvando as diferenças, inclusive aqueles que são independentes como Venezuela. As consignas transitórias também incluem fortemente o problema ecológico que ataca o conjunto da população, a luta pela liberação da mulher que volta a ganhar terreno, as nações oprimidas, etc.

2. A propaganda socialista toma uma magnitude maior, já que volta a aparecer como alternativa perante a crise. Não se trata de declamar o socialismo às massas. O importante para mobilizá-las são as medidas e consignas que respondam às suas necessidades presentes. Senão que, ao mesmo tempo em que fazemos esta tarefa de ação e agitação, voltarmos também à explicação da saída socialista. O socialismo científico de Marx e Engels e ao mesmo tempo as experiências vividas no século XX. O século XXI tem que significar uma superação do socialismo burocrático (que não era socialismo). Não existem fórmulas dogmáticas, será um novo socialismo democrático participativo e tendo como base a auto-

organização dos trabalhadores e do povo pobre. A crise permitirá construir, junto aos planos de urgência, as medidas anticapitalistas para enfrentá-lo.

Sem dúvida será um processo muito mais universal, ecológico, mundial e, portanto, mais internacionalista; a crise da humanidade que vivemos fará ser dessa maneira, não existe socialismo sem revolução nos EUA e nos grandes países capitalistas. O fato de que os livros marxistas tenham passado a ser dos mais procurados nas livrarias é um índice que abre a possibilidade de que estejamos entrando em um novo período na formação da consciência política socialista que começa pela recomposição de uma vanguarda intelectual no pensamento marxista.

## **IX. Um período para avançar em uma nova organização internacional**

1. A crise levanta a necessidade de se levar adiante duas tarefas para os socialistas revolucionários: construir alternativas socialistas e anticapitalistas que tenham um peso e incidência real em seus países, e avançar para uma organização internacional que hoje não existe. O que existe são pequenas frações, que em nenhum dos casos são um pólo para uma reorganização das forças socialistas e revolucionárias. Ambas as tarefas estão ligadas e são concretas. O processo de constituição de novos partidos anticapitalistas com influência social objetiva está avançando e isto cria novas condições para dar um salto na reorganização política internacional da esquerda revolucionária.

2. É um fato que estão surgindo novas alternativas políticas de esquerda socialista amplas como dizíamos anteriormente. Ao PSOL coloca-se o desafio de um novo salto a partir do espaço político que tem ganhado, tendo o desafio de converter-se em um pólo aglutinador de todo o movimento social e político para enfrentar a crise. Isto que está colocado aqui no Brasil está também colocado em outros países. O mais concreto é o surgimento do Novo Partido Anticapitalista da França, e na América Latina o desenvolvimento da esquerda do PNP, do MST da Argentina e da Marea Socialista na Venezuela são outros processos. As tarefas das construções nacional e internacional estão dialeticamente interconectadas e uma atuará sobre a outra. A participação do conjunto do PSOL na reunião dos partidos anticapitalistas realizada no FSM é um avanço que fortalece ao partido como um todo nesta perspectiva.

3. O lançamento deste novo partido na França tem sido o passo mais importante para construir um partido revolucionário de influência de massas no continente europeu. Trata-se de um fenômeno paralelo ao que ocorreu na América latina há cinco anos, quando se fundou o PSOL, e agora ocorre na Europa, que é sim o lugar a dúvidas; é o continente onde o pensamento e as correntes socialistas têm mais tradição e história na luta pelo socialismo. E na França, que é o país europeu de mais riqueza, ao mesmo tempo em que os movimentos sociais organizam rebeliões, grandes mobilizações e, historicamente, têm feito grandes revoluções, o NPA está em uma mudança paralela à do PSOL, com claras definições anticapitalistas, socialistas e antiimperialistas que sintetizam muito bem o atual grau de consciência da vanguarda revolucionária européia e em particular francesa. Sobretudo é necessário destacar a definição do caráter internacionalista do partido e clareza da necessidade de uma nova organização internacional.

4. A reunião de partidos anticapitalistas realizada durante o FSM foi o primeiro passo de um processo comum entre o PSOL e o NPA, que abre a perspectiva estratégica, junto com outras forças, de construção de uma nova organização internacional. Isto seria um salto na reorganização das forças anticapitalistas e revolucionárias.

Desde que vimos defendendo a política de reagrupamento e de uma nova internacional federativa, agora estamos no melhor momento para que este processo avance. O PSOL e a Revista América têm que apostar no desenvolvimento do NPA e no processo de reagrupamento internacional, orgulhosos e ao mesmo tempo pacientes, porque temos defendido isso há vários anos.

O PSOL e o NPA, na América Latina e na Europa, têm condições de ser motores neste novo período de reorganização que se abriu para a construção de uma nova internacional. Em outras palavras, são os referentes dinâmicos por sua incidência objetiva na vanguarda e em setores de massas, pelo tipo de partido que têm conseguido formar. De fato, é possível um salto no reagrupamento porque existem estes dois processos que podem ser referentes, já que estão situados em continentes que, por sua história e sua realidade atual cumprem um papel importante na luta de classes e na reorganização da esquerda socialista mundial.

5. O que está colocado como tarefa presente e que nós devemos defender com todos os cuidados e compreensão dos tempos para que não aborte, é a construção de uma organização internacional federativa, ou seja, uma federação de partidos que hoje é possível construir com o PSOL e o NPA se somando a outros partidos como Synaspismos, Bloco de Esquerda, o LPP do Paquistão, o ISO dos EUA, entre outros.

6. Na América Latina a força que mais se desenvolveu neste último período é a da Revista América, a corrente comum que temos formado com o objetivo de avançar no reagrupamento internacional amplo. La Lucha Continua do Peru, o MST da Argentina, o MPU do Panamá e a Marea Socialista da Venezuela, têm crescido ao calor do processo latino-americano a partir de sua localização como parte do nacionalismo bolivariano. Em direção contrária, as correntes dogmáticas e ultra-esquerdistas têm sofrido um processo de enfraquecimento ao seguir repetindo as fórmulas da autoproclamação e sua política sectária frente aos novos movimentos nacionalistas latino-americanos.

7. Uma conquista de nossa corrente tem sido começar a construir um pólo de direção comum com os companheiros do MST da Argentina, ampliando o que já tínhamos com o Peru e o Panamá. Consolidar isto é fundamental. Ao mesmo tempo, este novo processo aberto significa também abrir as possibilidades de construirmos um pólo mais abrangente para que este processo avance com o núcleo de direção da LCR. Acreditamos que a nova situação criou um novo marco em que as diferenças entre mandelistas e morenistas ficaram de lado como questões históricas, o que não quer dizer que abdicamos de nossa história, mas agora não são mais um ponto de referencia para as tarefas futuras nas quais estamos coincidindo: o novo partido na França é uma nova organização internacional como projeto e processo. Isto não significa que não existam diferenças presentes, inclusive é possível que existam em como abordar a tarefa de uma nova organização internacional, mas ocorrem no marco destes processos objetivos e acordos centrais e estratégicos.

8. A contribuição do PSOL a esta imensa tarefa colocada será, nos próximos meses, o Seminário Internacional organizado com a Fundação Lauro Campos. A partir desta e de

outras atividades, tarefas comuns, intercâmbio de experiências práticas e de textos políticos, iremos construindo essa imensa tarefa que está colocada, e que será definitivamente, a resposta mais importante do ponto de vista dos socialistas: a nova situação internacional criada.